



AMAURI SEGALLA

MERCADO S/A

amaurisegalla@diariosassociados.com.br

NA SEMANA PASSADA, O BANCO CENTRAL ELEVOU DE 5,8% PARA 8,5% A ESTIMATIVA PARA O IPCA, RECONHECENDO QUE A META PARA O ANO SERÁ ESTOURADA. TRISTE CENÁRIO

Embalagens menores e ovo em vez de carne: os estragos provocados pela inflação

Nos supermercados, as embalagens estão menores para disfarçar o aumento de preços — o consumidor nem percebe que o item sofreu reajustes. Nas finanças, a inflação ganha de todos os investimentos no acumulado do ano, o que significa que as classes de ativos domésticos disponíveis no mercado tiveram retornos reais negativos. Com a redução do poder de compra, a carne foi substituída pelo ovo na mesa de milhões de pessoas. O combustível alto tornou impraticável o trabalho para muitos motoristas de aplicativo, que perderam sua principal fonte de renda. A inflação, a velha conhecida dos brasileiros, impõe tremendas dificuldades, e certamente será um tema central na próxima eleição. Mesmo diante do cenário alarmante, as autoridades parecem ter jogado a toalha. Na semana passada, o Banco Central elevou de 5,8% para 8,5% a estimativa para o IPCA, reconhecendo que a meta para o ano será estourada. Triste cenário.

Minervino Júnior/CB/D.A Press - 15/6/20



RAPIDINHAS

A Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast), a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) e a Rede pela Circularidade do Plástico transformaram três municípios da Grande São Paulo — Guarulhos, Barueri e Cajamar — em um laboratório para estudo sobre gestão de resíduos sólidos urbanos.

Os números da iniciativa apontam benefícios ambientais, como a redução de 600 milhões de toneladas de resíduos enviados a aterros sanitários; e socioeconômicos, como a criação de meio milhão de empregos. "A ideia é criar modelos que sejam replicáveis em grande parte das cidades do país", diz José Ricardo Roriz Coelho, presidente da Abiplast.

Se, no Brasil, os carros elétricos demoram para emplacar, nos Estados Unidos e China, os dois principais mercados do mundo, o ritmo de vendas surpreende as próprias empresas. A Tesla esperava negociar 229 mil elétricos no terceiro trimestre, mas entregou 241 mil unidades — foi o melhor resultado da história.

Os brasileiros estão animados com a Black Friday, que será realizada em novembro. Segundo estudo do Facebook, o número de pessoas que pretendem comprar durante a semana promocional aumentou 29% em relação ao ano passado. Roupas e acessórios lideram a lista de compras, à frente de eletroeletrônicos e smartphones.

Custo de frete marítimo dispara 510%

A falta de contêineres fez disparar o custo do frete no Brasil. Segundo levantamento da Confederação Nacional da Indústria (CNI), entre janeiro de 2020 e setembro de 2021, o preço dolarizado de um contêiner com destino aos Estados Unidos subiu 433%. Para a costa oeste da América do Sul, o aumento foi maior: 510%. Some-se a isso a baixa eficiência aduaneira portuária do país é o que se vê é um cenário de custos cada vez mais elevados. Quem paga conta, claro, é o consumidor.

Suape/Divulgação



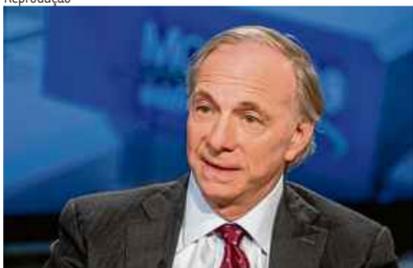
Gerdau mantém 122 pessoas só para cuidar dos tributos

A complexidade tributária brasileira é um estorvo que afeta diretamente a competitividade das empresas. A gigante do aço Gerdau mantém 122 profissionais apenas para desatar o nó dos impostos que precisa pagar todos os meses no Brasil. Nos Estados Unidos, onde também possui uma operação robusta, são necessárias apenas sete pessoas para realizar o mesmo trabalho. Enquanto isso, a tramitação da reforma tributária continua emperrada no Congresso.

Setor de carros elétricos quer redução de impostos

A Associação Brasileira do Veículo Elétrico (ABVE) quer trazer para a pauta econômica a discussão sobre os tributos no setor. No caso dos carros elétricos, o valor do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) pode chegar a 20%, ante 7% dos veículos flex a combustão. Sem ajustar a carga tributária, diz a ABVE, o segmento terá dificuldade para crescer em ritmo mais veloz. Atualmente, os elétricos respondem por somente 1% das vendas totais de carros no Brasil.

Reprodução



Eu aprendi que todo mundo comete erros e tem fraquezas. Uma das coisas mais importantes que diferenciam as pessoas é a maneira como lidam com isso"

Ray Dalio, bilionário americano e um dos investidores de melhor desempenho da história

US\$ 90

é quanto deverá chegar o preço do barril do petróleo bruto (Brent) até o fim do ano, segundo projeção do banco Goldman Sachs. Será o valor mais alto em três anos. O petróleo já subiu 50% desde o início de 2021

COMÉRCIO EXTERIOR / Vice-presidente Mourão tratou da negociação de equipamentos de defesa ao conversar sobre investimentos em Dubai. Outra meta do Brasil é vender jatos da Embraer para companhias aéreas da região, que tem mercado consolidado de aviação civil

Aproximação com Emirados

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Presidente da Câmara de Comércio Brasil-árabe, Osmar Chohfi, vice-presidente Mourão e o ministro da Economia dos Emirados, Abdulla bin Touq Al Marri

O Brasil tem interesse em comercializar equipamentos de defesa com os Emirados Árabes Unidos.

O vice-presidente brasileiro, Hamilton Mourão, destacou em Dubai, ontem, que não quer apenas vender material para os árabes, como também comprar deles. Ele participou da abertura do fórum de economia sustentável da Amazônia Emirados Árabes-Brasil, que reuniu empresários, investidores e autoridades governamentais dos dois países.

Mourão aproveitou o encontro com empresários árabes para falar sobre oportunidades a investidores na Amazônia, tema que ele vem reforçando desde que chegou a Dubai, na última quinta-feira. Segundo ele, há, por exemplo, possibilidades de investimentos em infraestrutura de transportes e energia, não apenas na região amazônica, como em outros locais do país.

"Há um bom espaço para investimentos. E um investimento que trará um bom dinheiro para quem colocar dinheiro lá. Eu sei que os Emirados Árabes têm fundos admiráveis, com grande capacidade de investir em todo o mundo", disse ele, complementando que árabes já têm investidos no Brasil cerca de US\$ 10 bilhões.

O vice-presidente também compareceu ao seminário empresarial Brasil-Emirados Árabes, com o presidente da Câmara de Comércio Brasil-árabe, Osmar Chohfi, e o ministro da Economia dos Emirados Árabes Unidos, Abdulla bin Touq Al Marri.

Sobre as negociações de equipamentos de defesa, Mourão afirmou que Brasil e Emirados mantêm "um protocolo entre os dois ministérios da Defesa que tem que avançar. É uma grande oportu-

nidade para ambos os países, porque ambos produzimos produtos nessa área, produtos de grande valor. Então é uma área em que temos que sentar e conversar mais, para avançarmos nisso", afirmou Mourão. A ideia é, em quatro ou cinco anos, chegar à marca de US\$ 5,6 bilhões na balança comercial entre os dois países, ou seja, o dobro do registrado em 2020. Entre as oportunidades para os Emirados Árabes está uma licitação para a compra de

veículos blindados 8x8 que está em andamento no Brasil. Por outro lado, a indústria brasileira tem interesse em vender seus sistemas de lançamento múltiplo de foguetes.

Outra meta do Brasil é conseguir vendas de jatos da Embraer para companhias aéreas da região, que tem um mercado consolidado de aviação civil. Apenas nos Emirados Árabes, há duas grandes companhias aéreas com grande presença internacional, a

Emirates e a Etihad, além de outras como Flydubai e Air Arabia. "Existe uma expansão nessa região em termos do transporte aéreo. O próprio Brasil abriu nosso mercado de transporte aéreo para empresas estrangeiras, sem necessidade de ter um sócio brasileiro. Então, uma empresa que for se estabelecer no Brasil pode adquirir as aeronaves da Embraer. A Embraer também vai entrar nesse novo ramo do carro voador. É um amplo espaço que

existe para haver um progresso", afirmou o vice-presidente.

Ele destacou, no entanto, que o mercado é muito competitivo, com forte presença das gigantes Boeing e Airbus, além da competidora direta da Embraer, a Bombardier. "É uma disputa que não é simples. Temos que ter uma condução muito boa nisso, não só no nível diplomático e governamental, mas também no nível econômico e comercial. A associação do ente público com o en-

te privado no sentido de que a gente tenha uma força efetiva para poder competir num mercado onde duas grandes empresas procuram controlar o mercado".

Alimentos

Com uma terra majoritariamente composta por deserto, com pouca água e pouca terra cultivável, os Emirados Árabes Unidos têm uma preocupação especial com sua segurança alimentar. Mais de 80% dos alimentos consumidos no país são importados. Segundo a ministra de Mudanças Climáticas e Meio Ambiente dos Emirados Árabes, Mariam Almheiri, o Brasil, cuja principal pauta exportadora para a nação árabe são alimentos (em especial carne de frango), é um parceiro importante para garantir que não falte comida para o país.

Mas os Emirados não veem o Brasil apenas como um exportador de gêneros alimentícios. Durante abertura de encontro de empresários das duas nações, ontem em Dubai, a ministra destacou que seu país pode ser atrativo para empresas brasileiras que queiram aí se estabelecer, devido à qualidade da infraestrutura de transportes e a proximidade com grandes mercados consumidores no Oriente Médio, Norte da África e subcontinente indiano.

Ela citou a BRF como exemplo de empresa brasileira que estabeleceu uma planta industrial nos Emirados. "Produtores de alimentos brasileiros que queiram se estabelecer nos Emirados Árabes podem se beneficiar de leis recém-criadas que permitem 100% de propriedade estrangeira na produção de trigo, milho, cevada, legumes e cana-de-açúcar, alimentos básicos de que o país precisa", disse a ministra.